

LISBOA

INFOMAIL

REVISTA MUNICIPAL
N.º 25 NOVEMBRO 2018
TRIMESTRAL GRATUITA



LISBOA,
QUE TE QUERO
VERDE





02



08



14



16



24



28



33



34



46

- 2 Lisboa, Capital Verde Europeia**
- 6 Infografia - Lisboa Verde**
- 8 Que bem que se está no Campo das Cebolas**
- 10 Novos Espaços Verdes na Cidade**
- 12 Trilhos de Monsanto**
Árvores com amor
- 14 Trigger Systems - tecnologia inovadora**
- 16 No outono, regresso ao Jardim Botânico**
Espaços verdes no website de Lisboa
- 18 Guia - Sol de Outono**
- 20 Lá vai o 24!**
- 22 Transportes partilhados**
- 23 Bombeiros com novas viaturas**
- 24 Entrevista - Ricardo Ribeiro**
- 27 Biblioteca e cowork no palácio Baldaya**
- 28 Nova Entrecampos - 700 casas com renda acessível**
- 30 Livraria Solidária de Carnide**
- 32 Vida local:**
Bip, um herói no Vale de Alcântara
Cool'arte Crescente em Marvila
Abrem-se portas no Bairro de Santos, ao Rego
- 33 Avança o restauro da igreja de São Cristóvão**
- 34 Aqui Há Arte - Escola Manuel da Maia**
- 36 Educação:**
Escola Nova - EB Sampaio Garrido e JI Alexandre Rodrigues Ferreira
Passes e manuais escolares gratuitos
Escolas com cozinha própria e sem plásticos
- 38 Prémios para vinhos de Lisboa**
- 39 Web Summit fica mais dez anos**
- 40 Lojas com alma - Ferragens Guedes**
- 42 Rostos de Lisboa - Humberto Fonseca, o rei das borrachas**
- 44 Cultura:**
Música - Super Bock em Stock
Festival Literário - Dias do Desassossego
Teatro São Luíz - Netos de Gungunhana
- 45 Primeira temporada do Lu.Ca - O novo teatro para crianças e jovens**
- 46 À conversa com Margarida Vila-Nova... no Campo das Cebolas**
- 48 "Todos - Caminhada de Culturas"**

Edição Câmara Municipal de Lisboa / Departamento de Marca e Comunicação

Diretora Filomena Costa / Diretor Adjunto Luís Miguel Carneiro

Redação Filomena Prouça, José Manuel Marques, Luís Miguel Carneiro, Luís Figueiredo, Mafalda Ferraz, Marta Rodrigues, Rui Baptista, Rui Martins, Sara Inácio / Edição e Revisão Susana Pina / Design, Ilustração e Paginação João Ferreira, Maria João Pardal, Marta Barata
Fotografia Nuno Correia (coordenação), Américo Simas, Ana Luísa Alvim, Armando Ribeiro, Luís Ponte, Manuel Levita
Arquivo DMC Célia Martins

Versão Braille Gabinete de Referência Cultural – Imprensa Municipal

Estatuto Editorial www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/ultimas / Impressão Multiponto, S.A. / Tiragem 300.000 ex.

Depósito Legal 341672/12 / ISSN 2182-5556 / Inscrição na ERC Anotada / Periodicidade Trimestral / Distribuição Gratuita

CONTACTOS Rua Nova do Almada 53, 1º 1200-288 Lisboa / 218 172 500 / correio.leitores@cm-lisboa.pt

LISBOA

Lisboa desfruta de mais de 3300 horas de insolação anuais (uma média superior a 9 horas por dia). São, em média, 260 dias com sol por ano, dos quais 220 dias sempre ensolarados ou com muito pouca nebulosidade. É um privilégio que devemos saber aproveitar (nomeadamente, através do uso crescente da energia solar), preservando-o face às ameaças das alterações climáticas, indutoras de fenómenos meteorológicos extremos (como inundações e secas).

O outono, estação de transição por excelência, oferece-nos, a par da providencial e necessária chuva, belos dias de sol, desfrutáveis em cada vez mais e melhores espaços verdes, que vão surgindo ou sendo requalificados por toda a cidade. Contudo, a nossa amenidade climática depende da forma como soubermos viver o ambiente, em modo sustentável. O prémio “Capital Verde Europeia” em 2020, que reconhece as boas políticas ambientais, é uma distinção mas também um toque de despertar dirigido às nossas responsabilidades comuns.

O ambiente em que vivemos é resultado das nossas ações, pessoais e coletivas. Usufruir em plenitude de uma cidade com um balanço harmonioso entre sol e chuva exige que saibamos tratá-la com carinho. Os resíduos que produzimos devem ser reduzidos e reciclados. O espaço público deve ser cada vez mais dos peões e não do automóvel. O transporte público deve substituir o privado, e os meios de mobilidade suave, como a bicicleta, preferidos aos pesados. Espaços verdes de qualidade são o espelho de uma cidade responsável que, com sol ou chuva, pode encarar o futuro de olhos postos num rio mais limpo que vê os golfinhos regressar.

QUE TE QUERO VERDE

LISBOA, CAPITAL VERDE

Lisboa ganhou o prêmio Capital Verde 2020, distinção promovida pela União Europeia, em reconhecimento do trabalho desenvolvido durante a última década, que a tornou uma cidade mais sustentável e amiga das pessoas. É a primeira vez que uma capital do Sul da Europa conquista esta distinção.

TEXTO José Manuel Marques

A este prêmio candidatam-se todos os anos 30 a 40 cidades da Europa, passando por um longo e exigente processo de candidatura e seleção.

O júri valorizou especialmente os esforços de pedonalização de amplas zonas da cidade e o forte crescimento das áreas verdes, bem como os avanços conseguidos e os compromissos assumidos em áreas como a eficiência energética e a boa gestão da água.

Meta “zero” para o carbono

Em 2002 a cidade registava uma produção superior a 3 700 quilotoneladas de dióxido de carbono, valor que em 2016 ainda estava um pouco acima das duas mil. Mas a ambição é grande e pretende-se atingir a descarbonização total, ou seja, zero quilotoneladas até 2050.

O desafio assenta em projetos não menos audazes, a começar por uma forte aposta na valorização do transporte público e numa rede alargada de corredores BUS, invertendo a tendência de recurso ao automóvel particular. A aposta num sistema integrado de transporte – com mais oferta, de maior qualidade e fiabilidade –, focado em diferentes segmentos de utilizadores, alguns deles hoje cativos do transporte individual, a substituição de veículos que usam combustível fóssil por outros movidos a gás natural ou eletricidade e a criação de novas linhas de elétrico, bem como a expansão das existentes, permitirão reduzir em 60 por cento a emissões de carbono até 2030.

Em complemento, continuarão a crescer os sistemas de mobilidade ativa e partilhada, das bicicletas aos carros elétricos, passando até pelas trotinetes. Destaque aqui para a rede de bicicletas partilhadas Gira, em franca expansão na cidade, e para a rede de ciclovias que atingirá os duzentos quilómetros em 2021. “Uma Praça em cada

Bairro”, a Requalificação do Eixo Central, Campo das Cebolas e Cais do Sodré são alguns dos exemplos já bem visíveis do que está feito, mas vem aí mais.

Significativa, ainda, a redução dos gastos energéticos na iluminação pública (22%) e na área residencial (11%), a par do aumento da produção de energia solar, com destaque para uma central solar destinada a abastecer a frota elétrica do universo municipal.

Água reciclada nas regas e limpeza

Lisboa é hoje uma das cidades mundiais com maiores níveis de eficiência no combate às perdas de água na rede de abastecimento e tem feito um forte investimento no tratamento das águas residuais.

No entanto, é preciso ir mais longe e a cidade propõe-se diminuir o desperdício de água potável em 25% até 2020, aumentando ao mesmo tempo em 30% a área urbana a utilizar água reciclada na rega de jardins e lavagem de ruas, o que será feito pelo aproveitamento dos sistemas de saneamento para transporte de água residual tratada a partir das ETAR, agora chamadas de “fábricas de água”.

As alterações climáticas não constituem um mero exercício de retórica, mas sim uma preocupação do presente, por isso o Plano Geral de Drenagem é um instrumento estratégico muito valorizado pela União Europeia na distinção de Lisboa como Capital Verde 2020. Bacias de retenção, na maioria soluções de base natural, nas zonas altas da cidade e grandes túneis para desvio do caudal permitem proteger a cidade de cheias.

Reciclagem é mesmo palavra de ordem, a que não escapa o investimento na área dos resíduos sólidos. Muito está feito, mas muito ainda está em curso. Em alguns bairros já são visíveis

‘ A rede de ciclovias atingirá os 200 km em 2021, (...) menos 25% de emissões de carbono até 2030 ,

os contentores inteligentes em profundidade, e projetos no terreno como “Lisboa a compostar”, “Repair Café”, “Pay as you throw” ou o combate ao desperdício alimentar são apostas para uma cidade ambientalmente responsável.

Um prêmio em nome da trajetória e do compromisso

O compromisso é sério, e Lisboa quer ser, a partir de 2020, um exemplo para o mundo. Por isso está previsto, até esse ano, um crescimento de mais 10% da área verde a somar aos 10% que foram criados desde 2008 através de cinco novos corredores verdes, aos quais se vão juntar outros quatro em conclusão até 2020. Prados de sequeiro, hortas urbanas, reconversão da Praça de Espanha em parque urbano, projeto de Entrecampos, Corredor Verde do

Vale de Alcântara, parque verde da nova feira popular, reconversão do aterro do Vale do Forno em parque urbano, Corredor Verde Periférico... Há confiança numa cidade preparada para enfrentar os desafios ambientais. ♻️

CORREDOR VERDE ORIENTAL

Este novo espaço já é visível na frente ribeirinha de Lisboa, numa faixa marginal que se estende entre a Doca do Poço do Bispo e o final do Parque das Nações. São cerca de 86 mil metros quadrados de «verde», a construir em duas fases: a primeira, na frente ribeirinha contígua ao loteamento “Prata” e ao edifício da Tabaqueira; a segunda, na zona da Matinha. Ficará ligado até 2020 ao existente Parque Urbano do Vale Fundão através de um novo corredor verde que se estende para o interior da freguesia de Marvila.



LISBOA ^A COMPOSTAR OUTRA FORMA DE **RECICLAR**



**700 FAMÍLIAS
JÁ FAZEM
COMPOSTAGEM
DOMÉSTICA**

INSCREVA-SE

lisboacompostar.cm-lisboa.pt



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



FORCE
Cities Cooperating
For Circular Economy

O FUTURO É VERDE

Redução das emissões de dióxido carbono, aposta nos transportes públicos e nos meios suaves de mobilidade, mais espaços verdes, melhor espaço público e maior aproveitamento da água são algumas das principais metas da caminhada para um futuro mais verde, com melhor ambiente e qualidade de vida em Lisboa.

TRATAMENTO DE DADOS José Manuel Marques | ILUSTRAÇÃO João Ferreira

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

200 km de rede ciclável
+5 pontes até 2021

+ transportes públicos
até 2020

+30

passé único 2019

MAIS VERDE

80 000
NOVAS ÁRVORES E ARBUSTOS
2017 - 2021

GESTÃO DA ÁGUA



25% poupança
de água potável até 2020

cobertura de 30%
da cidade

lavagem de ruas

rega de jardins

+265
veículos
movidos a

clean diesel 70

elétricos 21

gás natural 174

4x+
energia solar

1500
bicicletas
partilhadas



DESCARBONIZAÇÃO

3758 kton

-CO2

0 kton

2002 2016 2030 2050

-10 000



dia



+250
hortas urbanas
até 2021

9
corredores verdes
até 2020

+10%
áreas verdes até 2020

**+
ÁGUA
RECICLADA**

**+15
SOLUÇÕES
DRENAGEM
NATURAL**

**PLANO DE DRENAGEM
185 milhões de euros
PREVENÇÃO DE CHEIAS**



QUE BEM QUE SE ESTÁ NO CAMPO DAS CEBOLAS!

TEXTO Luís Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Armindo Ribeiro



Vários espaços ajardinados, com relvados e áreas de sombra, um parque infantil, áreas de confortável circulação pedonal e um parque de estacionamento subterrâneo são as grandes novidades do renovado Campo das Cebolas, uma nova e desafogada zona ribeirinha no centro da cidade.

Com a Casa dos Bicos – Fundação José Saramago como polo central, junto à qual se instalou uma peça escultórica, as diversas esplanadas, os bancos de jardim e o parque infantil, o novo espaço con-

vida a estar e a saborear bons momentos de descanso.

O projeto, do arquiteto João Luís Carrilho da Graça, preservou a memória histórica do lugar ao incorporar elementos postos a descoberto durante a obra, como troços de uma muralha e de um cais pombalino, ou a escadaria com mais de dois séculos, que dá acesso ao parque de estacionamento subterrâneo com 206 lugares, e que funciona também como galeria de exposição dos diversos achados arqueológicos.

Na zona fronteira, junto ao rio, será feita uma ligação entre a Estação Sul e Sueste e o Terminal de Cruzeiros de Santa Apolónia, através de uma alameda pedonal ribeirinha ao longo da Doca da Marinha e do Cais do Jardim do Tabaco. 🚶



NOVOS ESPAÇOS VERDES NA CIDADE

É incontornável, salta à vista, Lisboa está mais verde. Seja pelos novos parques que vão nascendo, seja pela requalificação de outros, respira-se cada vez melhor na cidade.

TEXTO José Manuel Marques | FOTOGRAFIA Manuel Levita

Parque urbano do Vale da Montanha

Tem onze hectares, o equivalente a onze campos de futebol, e está localizado nas traseiras da Avenida Gago Coutinho, outrora uma zona de hortas, ocupada nas últimas décadas do século passado por construções ilegais.

As obras da primeira fase estão concluídas: desde março, uma extensa mancha verde ilustra a nova cartografia da cidade. A área estende-se entre a Avenida Marechal António de Spínola e a ponte ciclopedonal que liga a Bela Vista ao Casal Vistoso, e proporciona uma nova ligação entre o Bairro do Armador, as Olaias e as Avenidas Novas, formando um contínuo com o Parque da Bela Vista. No seu interior, a funcionar em pleno: uma rede de percursos pedonais e cicláveis, duas praças, um parque infantil e um quiosque.

A segunda fase de construção do parque, já iniciada, insere-se no programa de expansão do corredor verde oriental, que no seu conjunto terá uma extensão de cerca de 150 hectares, assegurando a ligação do Areeiro à zona ribeirinha, em Marvila.

Jardim Mário Soares

A ala sul do conhecido Jardim do Campo Grande – passeio público no século XVI, zona de corridas de cavalos e esperas de touros no século XIX, e ampliado sob projeto do arquiteto Keil do Amaral em 1945 – reabriu ao público em abril, após profundas obras de requalificação. Chama-se agora Jardim Mário Soares, em homenagem ao antigo Presidente da República.

Diferente, mais cómodo e seguro, o espaço apresenta grandes relvados e caminhos pedonais lineares, elevações no terreno que servem de barreira ao ruído dos automóveis e aumentam a zona verde, mais árvores, e uma rede de retenção e aproveitamento das águas pluviais.

Parque hortícola de Carnide

Englobado no processo de qualificação do corredor verde periférico, entre o parque urbano da Quinta da Granja, em Benfica, e o Vale da Ameixoeira, em Santa Clara, o novo parque hortícola de Carnide foi concluído e prolonga o espaço verde para nascente, abrangendo a Quinta das Camareiras.

O espaço, que implicou um investimento na ordem dos 180 mil euros, tem uma área total de 2,5 hectares e conta com 106 talhões de cultivo que variam entre os 50 e os 100 metros quadrados, abrigos, vedações, uma rede de percursos para uso público, zonas de estadia, novas árvores, equipamentos e uma rede de água para rega. ♻️



AMÉRICO SIMAS

RECEBA UM COMPOSTOR E RECICLE OS DESPERDÍCIOS

“Lisboa a Compostar” é um programa municipal que promove a reciclagem dos lixos domésticos orgânicos e destina-se a munícipes com jardim, quintal ou logradouro.

Estima-se que em Lisboa sejam diariamente produzidas 240 toneladas de lixo biodegradável, que pode ser transformado em fertilizante biológico, com vantagens para o utilizador e para o ambiente.

A autarquia tem quatro mil compostores para oferecer. Os primeiros foram entregues durante uma ação de formação que decorreu na freguesia de Alvalade.

Para receber o seu compostor inscreva-se em:
lisboacompostar.cm-lisboa.pt

Trilhos de Monsanto

No chamado “pulmão verde” da capital há 50 quilómetros de trilhos para caminhar, correr ou passear de bicicleta. Estes trilhos foram reabilitados e têm agora mais conforto, durabilidade e segurança, reforçada pela instalação de um sistema de sinalética.

A intervenção nos trilhos foi proposta por um grupo de cidadãos através do Orçamento Participativo. A autarquia executou o projeto e agora todos podem usufruir do resultado da obra, que teve ainda em conta a proteção da floresta contra incêndios.

Foram também salvaguardadas as raízes das árvores e assegurados o regular escoamento das águas e a regeneração da vegetação natural.

Estão previstas outras intervenções como a construção de um novo atravessamento ciclopedonal sobre a Estrada de Monsanto e medidas de acalmia do tráfego automóvel no parque, procurando aumentar a segurança dos adeptos da mobilidade suave, peões e ciclistas. 🚶

Os serviços da autarquia disponibilizaram as árvores e o equipamento necessário aos cidadãos, que responderam mais uma vez massivamente, contribuindo com a vontade e a alegria de plantar. Trata-se de uma espécie de apadrinhamento, pois cada pessoa pode depois acompanhar o crescimento da sua árvore.

Árvores com amor

Cerca de um milhar de árvores foram este ano plantadas pelos lisboetas, num gesto de responsabilidade social e de carinho pela natureza levado a cabo por centenas de pessoas ao longo de mais uma edição do programa “A sua árvore em Lisboa”.

Em regra, as inscrições esgotaram rapidamente. Nas jornadas de plantação é frequente ver famílias inteiras, com as crianças a marcarem forte presença. A mobilização foi também assumida por algumas associações.

O resultado pode ser visto no Jardim do Campo Grande, nos parques de Monsanto, da Bela Vista Sul e Eduardo VII, ou no Vale de Chelas. 🌳

Em regra, as inscrições esgotaram rapidamente. Nas jornadas de plantação é frequente ver famílias inteiras, com as crianças a marcarem forte presença. A mobilização foi também assumida por algumas associações.

AMÉRICO SIMAS





Poupança Expresso Net

2018-21, 6.ª Série

O que decidir fazer nos próximos 3 anos, diz muito sobre si.

Queremos que concretize os seus objetivos. Por isso, para si que é nosso Associado, desenvolvemos a Poupança Expresso Net, uma solução mutualista a 3 anos que remunerará as suas poupanças com uma **TANB média de 1,050%** e que poderá subscrever com total comodidade. Se o tempo recompensa quem faz planos, nós também.

Período de inscrição:

de 29 de outubro a 27 de novembro de 2018

Início de subscrição:

30 de novembro de 2018

Subscrição exclusiva em
montepio.org

Poupança Expresso Net 2018-21, 6.ª Série é a designação promocional da série mutualista "Associação Mutualista Montepio - Prazo Certo 2018 - 2021, 6.ª Série"

*Só terão direito a esta taxa os subscritores que mantenham o seu Vínculo Associativo à data de vencimento da Série e não efetuem qualquer reembolso na subscrição ao longo do prazo da mesma. Caso contrário, a TANB média para o prazo da Série será de 1,00%.

O acervo de direitos e obrigações decorrentes da condição de Associado do Montepio Geral - Associação Mutualista (MGAM) e os benefícios atribuídos em virtude dessa condição e da condição de Subscritor das séries emitidas ao abrigo da modalidade mutualista "Associação Mutualista Montepio - Prazo Certo" estão descritas nos Estatutos e no Regulamento de Benefícios do MGAM, na Ficha Técnica da Modalidade e na Ficha Técnica da Série subscrita. O MGAM recomenda aos associados subscritores a consulta destes documentos, disponíveis em www.montepio.org.

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS . DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681 . Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-062 Lisboa



Associação Mutualista

Montepio

Juntos por todos

Trigger Systems TECNOLOGIA INOVADORA PARA A POUPANÇA DE ÁGUA NASCE NA ‘STARTUP LISBOA’

Trigger Systems não é apenas mais uma *startup* no ecossistema empreendedor lisboeta. É solução para poupar água, evitar perdas e tornar os recursos hídricos mais eficazes.

TEXTO José Manuel Marques | FOTOGRAFIA DMComunicação

ANA LUÍSA ALVIM



Francisco Manso, engenheiro agrônomo com uma pós-graduação em eletrônica e programação, vive em Benfica. Na mesma freguesia onde a Trigger Systems tem o seu “quartel-general”, uma *startup* fundada sob a ideia de sustentabilidade que procura melhorar o funcionamento do sistema hídrico e diminuir a pegada ecológica. “Nós acreditamos que isso vai acontecer por via da tecnologia”, diz o mentor da empresa.

Começou por se dedicar à poupança da água nos sistemas de rega. A ideia era criar um controlador “que fosse extraordinariamente potente e inteligente para tomar boas decisões, mas também barato, para ser instalado massivamente, e simples na utilização”. E conseguiram-no, Lisboa que o diga. Tem o sistema instalado numa zona do Parque Eduardo VII, no Jardim da Estrela, nos renovados Jardim do Campo Grande e Jardim Botânico, nos parques recreativos do Monsanto, na Quinta das Conchas e noutros locais da cidade. Muitas residências particulares também já utilizam o sistema.

A empresa foi incubada na Startup Lisboa e daí fizeram a ponte para os investidores; testaram o sistema com uma participação no Smart Open Lisboa – um programa de inovação baseado na utilização de dados abertos para o desenvolvimento de soluções em contexto real (no caso, fontes e lagos).

O segredo está no protocolo criado para

a comunicação entre as diversas infraestruturas, na instalação de sensores virtuais e de uma rede de antenas para deteção de roturas, e também num novo sistema de pilhas. O consumo de água é reduzido para metade e a duração das pilhas dos muitos programadores de rega que não estão ligados à eletricidade aumenta de um para quinze anos.

“Crescemos bastante, mas também temos mais desafios”, diz-nos o responsável pela Trigger Systems, que criou já cerca de 15 postos de trabalho. Sediada em Lisboa, a empresa iniciou e mantém atividade no Fundão. Desenvolvem projetos com várias empresas e algumas autarquias, ganharam prémios e já despertaram interesse em investidores estrangeiros. O desafio agora passa pela internacionalização e pela utilização do sistema noutras áreas, como a iluminação pública. A empresa tem vindo a trabalhar também na área do combate a incêndios. 🌱

‘O consumo de água é reduzido para metade e a duração das pilhas (...) aumenta de um para quinze anos ,



NUNO CORREIA



No outono
**REGRESSO
AO JARDIM BOTÂNICO**

TEXTO Filomena Proença | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim



Requalificado e com cerca de 1500 espécies vegetais oriundas de todos os continentes, o Jardim Botânico de Lisboa, na zona do Príncipe Real, é um bom local para se visitar no outono.

A reabilitação do jardim resultou de um projeto vencedor do Orçamento Participativo e incidiu sobretudo na melhoria das infraestruturas: há agora novos pavimentos e gradeamentos, um sistema de rega e prevenção de incêndios mais eficaz, um lago recuperado e um novo anfiteatro, onde sabe bem ouvir o canto dos pássaros e o vento a soprar nas folhas das árvores.

Fundado no século XIX para servir a investigação científica, este jardim desempenha, desde então, um papel fundamental na conservação das espécies, preservação da biodiversidade, regulação do clima e gestão ambiental da cidade.

Um monumento nacional

Algumas das coleções destacam-se desde logo, como a grande variedade de palmeiras que ajudam a conferir ao espaço o seu cunho tropical. As cicadáceas são também um *ex-libris*, exemplares únicos de floras antigas, havendo certas espécies que já só se conservam em jardins botânicos.

Com os microclimas criados no Jardim Botânico é possível conservar plantas tropicais originárias de sítios tão longínquos como Austrália, Nova Zelândia, América do Sul, China e Japão.

É Monumento Nacional desde 2010 e parte integrante do Museu Nacional de

História Natural e da Ciência, da Universidade de Lisboa.

Em colaboração com os diversos departamentos do museu, o Jardim Botânico de Lisboa promove visitas temáticas e programas de educação ambiental dirigidos a diferentes faixas etárias e ao público escolar. 🌿

ESPAÇOS VERDES NO WEBSITE DE LISBOA

O melhor é visitá-los no local, mas no *site* da autarquia também pode conhecê-los e, quem sabe, a partir daí planejar vários passeios e partir à descoberta das muitas áreas verdes da cidade, Basta aceder, a partir do separador “Viver”, ao menu “Ambiente”, para encontrar desde logo notícias sobre o tema, respostas a perguntas frequentes e muita informação georreferenciada.

Seguindo o menu, encontrará um autêntico mundo a explorar: corredores verdes, parques e jardins, hortas urbanas, equipamentos de recreio infantil, Parque Florestal de Monsanto, Estufa Fria, Centro de Recuperação de Animais Silvestres de Lisboa, Quinta Pedagógica dos Olivais, e muitos outros locais a merecerem visita. Destaque ainda para informações sobre a água, a qualidade do ar, a biodiversidade e as alterações climáticas. Pode também ficar a saber quais são e onde estão os geomonumentos e os fitomonumentos da cidade.

GUIA

SOL DE OUTONO

esplanadas, parques, jardins e miradouros

TEXTO Mafalda Ferraz | ILUSTRAÇÃO João Ferreira

Lisboa oferece inúmeras opções para aproveitar o sol de outono na cidade. Esplanadas, parques, jardins ou miradouros, difícil vai ser escolher.

Se gosta de desporto ao ar livre pode aproveitar para correr ou simplesmente caminhar junto ao rio. Há jardins que são autênticos espaços de aventura e outros que convidam mais à calma e à reflexão.

Contemplar Lisboa a partir dos seus miradouros, fazer piqueniques em jardins, namorar à sombra das árvores, ler um livro deitado na relva ou brincar com as suas crianças nos bonitos parques da cidade, há muito para aproveitar. Venha conhecer as nossas propostas em diferentes zonas da cidade. Muitas outras haverá, e algumas serão bem perto de sua casa.

1-JARDIM DUCLA SOARES

Foi projetado na década de 1950 pelo arquiteto Ribeiro Telles, com o objetivo de melhorar o enquadramento da Ermida de São Jerónimo. Trata-se de um vasto espaço verde com uma magnífica vista sobre o Tejo, situado na colina de São Jerónimo. Este jardim convida a merendar na relva, ouvir os pássaros, ler um livro debaixo de uma árvore ou passear sem rumo.



BELÉM



2-PARQUE SILVA PORTO

Vulgarmente conhecido por Mata de Benfica, o Parque Silva Porto é um importante espaço de lazer, um autêntico oásis no meio da cidade. Possui várias estruturas de apoio como parque infantil e de merendas, café com esplanada, chafarizes, um lago e um quiosque.



MONSANTO

3-PARQUE RECREATIVO DOS MOINHOS DE SANTANA

Este parque distingue-se pela presença de dois antigos moinhos e por uma vista deslumbrante sobre a cidade e o Tejo. Com amplos relvados, inúmeras árvores e arbustos, um lago e uma cascata, é uma grande área de recreio e de lazer, com um parque infantil e percursos para exercícios.



4-ZONA RIBEIRINHA JUNTO AO MAAT

Além da excelente oferta cultural do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), a zona exterior é de uma enorme beleza, ou não estaríamos em Belém, um dos locais mais apetecíveis da cidade. O topo do edifício é um verdadeiro miradouro. O amplo espaço verde ribeirinho tem parque de merendas, restaurante, pista de skate, ringue de patinagem, circuito de manutenção e um anfiteatro ao ar livre.

5-QUINTA DAS CONCHAS

O atual parque nasceu da recuperação de duas quintas do século XVI e é um local de elevado valor paisagístico e ecológico, oferecendo aos seus visitantes uma zona de merendas, parque infantil e caminhos florestais, para quem quiser praticar corta-mato ou usar bicicletas todo-o-terreno. Há ainda um lago e um restaurante com cafetaria.

5



6-PARQUE TEJO

Situado entre o Parque das Nações e a Foz do Trancão, é um imenso espaço verde que convida a longos passeios, a pé ou de bicicleta, ou a passar um dia em família bem perto da natureza. Tem cerca de 80 hectares e é constituído por jardins com uma flora e fauna diversificada. O Parque Tejo, com uma extensa frente de rio, é um local privilegiado para a observação da fauna estuarina.

6



7

LUMIAR

7-JARDIM DO CAMPO GRANDE/ JARDIM MÁRIO SOARES

É o maior jardim no centro de Lisboa, com um grande lago "navegável". Aqui pode usufruir de passeios de barco, parque de merendas, parque infantil, ginásio, campo de padel, parque canino, restaurante e cafetaria.



8



8-PARQUE DA BELA VISTA

É a maior mancha verde da área oriental da cidade e a terceira maior área verde de Lisboa, depois de Monsanto e da Tapada da Ajuda. Oferece grandes zonas arborizadas de prado e de relvado onde se pode passear descontraidamente ou simplesmente deitar na relva usufruindo do sol de Lisboa. É na clareira central que se situa a zona mais famosa e frequentada do parque. Tem parque de merendas, parque infantil, circuito de manutenção, equipamentos de *fitness* e polidesportivo; espaços diversificados, ligados entre si por uma vasta rede de caminhos.

9



9-TERRAÇOS DO CARMO

Este jardim suspenso em pleno Chiado, junto ao Elevador de Santa Justa e às ruínas do Convento do Carmo, oferece um espaço de restaurante e bar com várias esplanadas e uma zona de espreguiçadeiras onde pode relaxar e desfrutar de uma vista sobre a cidade de cortar a respiração.

10



10-JARDIM SÁ DA BANDEIRA

O Jardim Sá da Bandeira, junto à Praça Dom Luís, foi recentemente requalificado. É agora um espaço frondoso, de cores vivas, em pleno centro histórico de Lisboa, próximo de locais tão movimentados quanto a Estação Ferroviária e Fluvial do Cais do Sodré, o Mercado da Ribeira, ou o Bairro Alto. O ambiente de descontração é incentivado pelo quiosque com serviço de esplanada e pelas diversões do parque infantil.

11

PRAÇA DO
COMÉRCIO



11-RIBEIRA DAS NAUS

O antigo estaleiro de construção das naus portuguesas é hoje uma surpreendente praia fluvial, com relvados que convidam ao descanso e a longos banhos de sol. A Ribeira das Naus tem um quiosque e uma esplanada para aproveitar ao máximo a luz de Lisboa e a vista de rio.





De Campolide à Praça Luís de Camões, subindo e descendo a colina, o elétrico 24 voltou a fazer parte da rotina dos Lisboaetas, prevendo-se o prolongamento da linha até ao Cais do Sodré.

A reativação deste meio de transporte, amigo do ambiente, insere-se numa política de mobilidade sustentável e vem complementar a rede de transportes, facilitando algumas deslocações. Além do mais, o elétrico tornou-se, em definitivo, um ícone da cidade.

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA DMComunicação

Lá vai o 24!

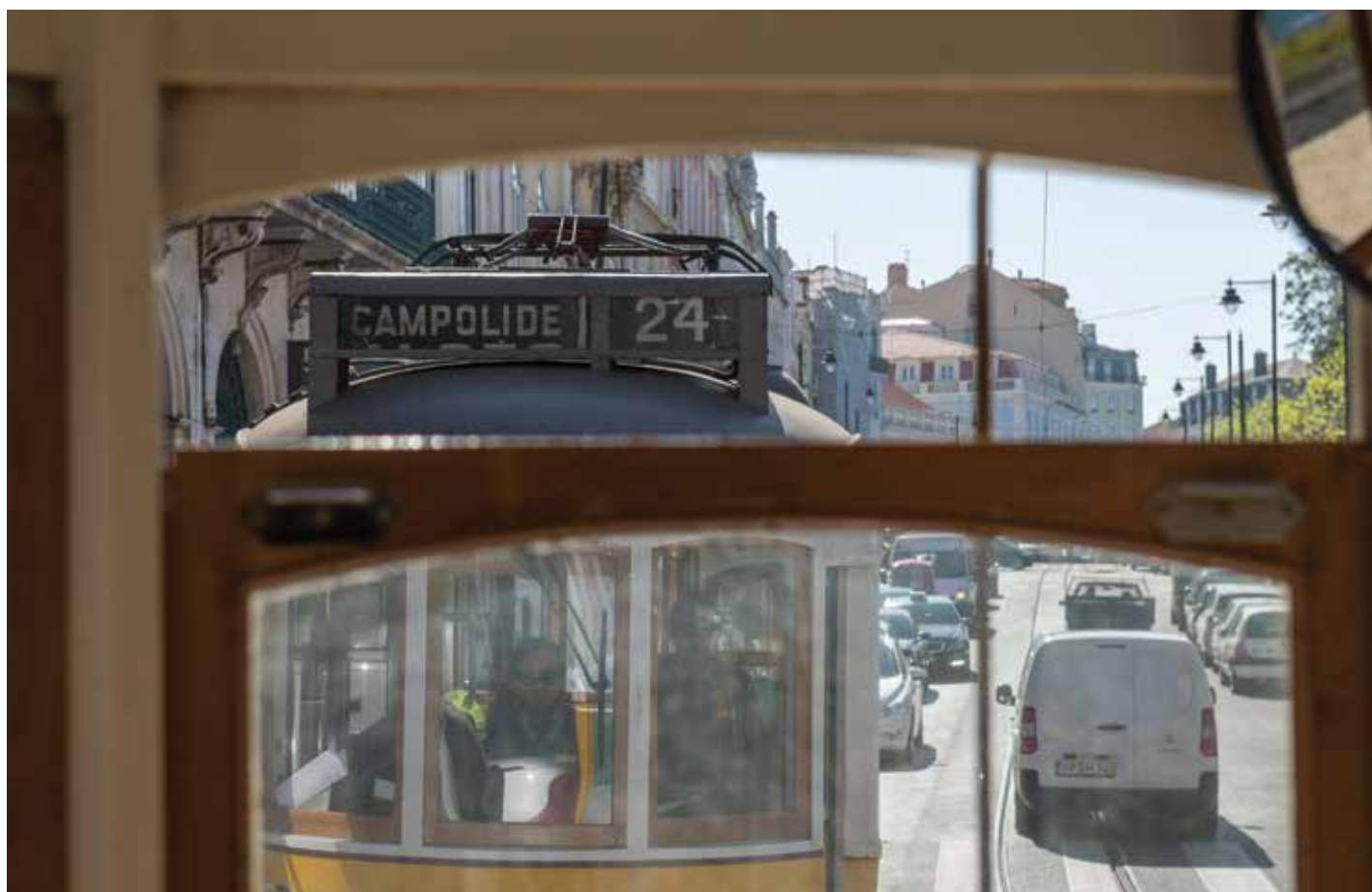
A viagem inaugural, 23 anos depois da extinção da carreira, em 1995, aconteceu em abril passado, da Praça de Campolide até ao Largo Camões, e foi mais um passo na recuperação da rede de elétricos da cidade. Para José, dono de uma tabacaria nesta praça, é uma constatação de facto: “O 24 já anda!”. Volvidas mais de duas décadas ouviram-se os aplausos à passagem do *regressado*, e os turistas têm mais um motivo para fotografar na cidade.

A viagem dura cerca de vinte minutos, mais coisa menos coisa, e passa junto às Amoreiras, desce ao Largo do Rato, segue pela Rua da Escola Politécnica, Príncipe Real, São Pedro de Alcântara, Rua da Misericórdia, para terminar na Praça Luís de Camões, em pleno coração do Chiado. Num futuro próximo, o 24 chegará ao Cais do Sodré facilitando a integração com os barcos e o comboio.

‘o elétrico renasce e é um transporte para o futuro,’

E histórias não faltam a quem se lembra ainda do percurso deste elétrico e das boleias à pendura do lado de fora do veículo, de como este facilitava a vida de quem vivia no Alto de Campolide; era um transporte fiel que levava quem trabalhava na Baixa, e que os trazia para casa ao final do dia.

Do ponto de vista da sustentabilidade, estamos a falar de um transporte não poluente e viável do ponto de vista financeiro. Nestes tempos, em que o transporte movido a eletricidade começa a ganhar terreno e a dirigir-se ao futuro, o elétrico renasce e ganha uma nova atualidade. Por essas razões, a autarquia aposta na possibilidade de alargar a frota e estender a linha do 15 da Cruz Quebrada até Santa Apolónia e, mais tarde, até ao Parque das Nações, tornando o elétrico o transporte ribeirinho por excelência. Lisboa merece. 🌱





TRANSPORTES PARTILHADOS

TEXTO Luís Figueiredo | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

Em Lisboa, quem antes pegava no carro, agora pensa duas vezes.

Entre custos e dificuldades de estacionamento, talvez seja melhor ir de bicicleta ou trotinete. Também pode optar por um carro elétrico partilhado. Pelo ambiente e pela qualidade de vida.

Carros elétricos

Lisboa conta atualmente com uma rede de 150 carros elétricos partilhados. A capital portuguesa é a segunda cidade europeia, depois de Madrid, a disponibilizar um sistema de *carsharing* de viaturas com motor exclusivamente elétrico.

O sistema, lançado recentemente pela Emov, com o apoio da autarquia, constitui um marco importante na estratégia da cida-

de para uma mobilidade urbana sustentável, partilhada e ligada em rede.

Na fase inicial, o serviço cobre cerca de 40 km², numa área que inclui, por exemplo, o eixo entre o Lumiar e o centro da cidade/Baixa, incluindo Alvalade, Sete Rios, Avenidas Novas, Estrela, Amoreiras, Graça, entre outros locais, até à beira Tejo.

A oeste, a cobertura da frente ribeirinha estende-se a Belém, Pedrouços e às zonas urbanas de Alcântara, abrangendo, ainda, a este, o Parque das Nações, numa área diretamente ligada ao aeroporto Humberto Delgado.

Bicicletas e trotinetes

Em poucos meses, a rede de bicicletas partilhadas GIRA conquistou os lisboetas, com mais de 600 mil viagens realizadas até final de agosto. Entretanto, a rede chegou à Baixa, passando a dispor, no total, de 74 estações de entrega/recolha de bicicletas.

Até ao final desse mês eram já mais de 14 mil os passes anuais emitidos, a que se somavam 2 mil passes mensais. Com cerca de 4 mil viagens realizadas em média, por dia de semana, estima-se que o sistema possa atingir as 10 mil viagens diárias, quando estiverem em circulação as 1500 bicicletas, distribuídas por 140 estações, que no futuro completarão a rede.

O passe anual custa 25 euros, e o mensal 15 euros. Findo o período promocional (que dura até ao final do ano e que inclui viagens gratuitas), cada viagem custará dez centimos em bicicleta clássica e 20 centimos em bicicleta elétrica.

Para fazer companhia às bicicletas partilhadas, já chegaram à cidade as trotinetes elétricas, com cada vez mais utilizadores. As Lime, de um operador norte-americano, e as lomo, de origem portuguesa. São principalmente utilizadas para percorrer curtas distâncias, do transporte público para o destino final, por exemplo. Quando termina a deslocação, é possível deixar a trotinete em qualquer local, dentro de um perímetro pré-definido. Sobre tudo nas avenidas, as trotinetes já integraram a rotina de muitos lisboetas. 🚲



BOMBEIROS **com novas viaturas**

A frota do Regimento de Sapadores Bombeiros está em fase de renovação, com a aquisição de novos veículos e a modernização das 160 viaturas de socorro existentes.

TEXTO Luís Figueiredo | FOTOGRAFIA Armino Ribeiro

As frentes de atuação dos bombeiros são muitas, bem como os meios técnicos a acionar em cada situação. A par de novos aquartelamentos (como o quartel do Martim Moniz), novas viaturas integraram recentemente a frota: um veículo plataforma, dez veículos urbanos de combate a incêndio, um carro-tanque florestal e uma ambulância de socorro. Em breve, o RSB receberá também uma embarcação de reconhecimento, socorro e transporte, e um veículo de apoio em operações específicas.

Este ano, a entrega do novo equipamento de proteção de combate a incêndios estruturais representou um investimento superior a um milhão de euros. Em 2018, o regimento irá ainda contar com o ingresso de 135 recrutas.

Missões especiais requerem veículos especiais

O veículo-plataforma, de 26 toneladas, permite trabalhar até 45 metros de altura, com débito de 4 mil litros por minuto. O resgate de vítimas nas margens do rio é outra das vantagens desta viatura, única na cidade.

Os 18 veículos urbanos de combate a incêndio estão preparados, sobretudo, para o combate de fogos em edifícios, situações de desencarceramento e inundações.

Igualmente prioritária, a segurança do Parque de Monsanto conta agora com um veículo-tanque tático florestal para preservação dos mais de 1200 hectares de floresta.

Com uma média anual de 2 mil saídas com ambulância, as três agora existentes melhoraram a capacidade de resposta na emergência pré-hospitalar.

Numa cidade cada vez mais virada para o rio, o investimento passa também pelo aumento dos meios de socorro aquáticos, com a aquisição de uma embarcação de reconhecimento, socorro e transporte, e um novo veículo para operações de salvamento e resgate. 🚒



Entrevista

RICARDO RIBEIRO

É uma das vozes do Fado que leva a canção de Lisboa aos quatro cantos do mundo. Nascido em 1981, não teve uma vida fácil e cedo começou a trabalhar. Tem formação musical, interessa-se pela filosofia e pratica desporto. Mas a sua verdadeira escola é a rua lisboeta, que o seu mestre, Fernando Maurício, o ajudou a descobrir. “Não há Fado sem Lisboa, nem Lisboa sem Fado.”

TEXTO Luís Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

Nasceu na Ajuda?

Nasci na maternidade, mas a primeira palavra que disse foi na Ajuda. Fiz a primária numa escola no Sporting Clube do Rio Seco.

Depois passei para as escolas Paula Vicente e Francisco Arruda, ainda naquela zona, e para o Colégio Moderno. Para mim, as ruas da Ajuda não têm segredos.

Lembra-se da primeira vez que cantou?

Devia ter os meus seis anos quando trautei um fado. Era a música que se ouvia lá

em casa e na casa da minha tia Susete, que ajudou a criar-me; nos bairros populares há esta entreajuda. Era uma senhora com outras posses, uma amante de Fado que tinha gira-discos.

A primeira vez que cantei para os amigos e para a família foi em casa. Tinha nove anos. Não me lembro que fadito cantei, mas recordo tudo em silêncio e eu a cantar.

Para um público mais vasto tinha doze anos. Foi na coletividade Académica da Ajuda.

Até que surge aquele momento decisivo, que foi a Grande Noite do Fado.

É verdade, foi muito importante. Mas o momento que mudou tudo aconteceu ainda antes, quando fui cantar aos Ferreiras, uma casa de Fado que então existia na Rua de São Lázaro. Aos fins de semana cantava lá o Fernando Maurício, que passou a ser o meu mestre. Aquele ambiente mudou a minha vida. Depois, em 1996, a minha tia inscreveu-me na Grande Noite do Fado [segundo lugar em juvenis] e, a partir daí, passaram a pedir-me para ir cantar aqui e ali e nunca mais parei.

Mesmo quando foi para um colégio interno?

Fui, em regime de internato, para o Colégio Diocesano Andrade Corvo, em Torres Novas, mas a minha tia trazia-me para Lisboa e para o Fado aos fins de semana.

No colégio conheci um homem maravilhoso, o Padre Manuel Alves, que me ajudou imenso com a sua sensibilidade e incrível sabedoria. Deixou de haver dinheiro para pagar o colégio mas, graças à generosidade desse homem, ainda lá pude estudar mais uns tempos. Depois, tive de ajudar a família: fui para a Moita do Ribatejo, onde guardei ovelhas. Fez parte do meu crescimento; como dizia Platão, “o melhor que podes fazer é crescer e ajudar a crescer”.

De volta a Lisboa, mergulhou no Fado...

Voltei para a Ajuda, para casa da minha mãe, com dezoito anos, onde fiquei até aos vinte e quatro. Nunca tinha deixado o Fado, porque aos fins de semana vinha cantar aos Ferreiras e estar com o Fernando Maurício. Nesses anos tinha voltado à Grande Noite do Fado [primeiro lugar dos juvenis em 1997 e primeiro lugar dos seniores em 1998]. Depois passei a trabalhar regularmente em casas de Fado no Bairro Alto, como a Nô-Nô, O Faia e o Café Luso.

Pelo meio, o Fernando Maurício deve tê-lo levado também para a Mouraria, certo?

Certo! [risos] Íamos para lá jogar à “sueca”,

na taberna do seu primo Alfredo [a Parreirinha, na Rua da Guia]. Às vezes ficávamos a meio caminho, num café que já não existe, na Rua Barros Queirós, onde passávamos grandes tardes à conversa. Apanhava o autocarro 60, da Ajuda para o Martim Moniz.

Isso é que foi calcorrear Lisboa!

Só queria ter em notas de vinte euros o número de coletividades que corri, de Alfama à Mouraria, da Graça ao Bairro Alto, à Madragoa, à Ajuda, aos Olivais... Era profissional nas casas de Fado, mas nas coletividades atuava a título gratuito ou com cachets simbólicos. Era uma vida muito gira e tenho saudades desses tempos.

A gente ligada ao Fado fala de um modo de estar próprio, logo assumido quando dizem: “sou do Fado!”. Como é “ser do Fado”?

Experimentei esse espírito desde início. É um sopro que existe quando existe um poema, uma música, uns guitarristas, um fadista e... o vinho. O vinho é muito importante (apesar de



eu não beber). No fundo, é o espírito da rua de Lisboa que trazemos para dentro, ou para o mundo – e é isso que é a cultura: aquilo que nós bebemos algures e transportamos para outro lugar e damos aos outros a beber.

Quem já tem uma certa idade lembra-se que já “mataram” o Fado umas quantas vezes, mas parece que o seu espírito está mais vivo que nunca.

O Fado tem uma cantiga tão poderosa que consegue sobreviver a todas as conjunturas, com os seus dramas e quezílias. O Fado está sempre a morrer e a renascer; acompanha o movimento da vida, recriando-se a partir da condição humana. Canta a tristeza e a alegria, canta todas as emoções, de uma ponta a outra. Já a Amália dizia: “o Fado não é triste, nem alegre; é lúcido”.

Claro que no Fado há coisas que vão morrendo, desaparecem e já não voltam. Eu gostava que não desaparecessem, por amor ao seu idioma natural. É natural que haja coisas que se vão perdendo, mas há outras que se vão ganhando. Não sei a que leis isto obedece, são talvez ciclos que têm que ver com a alma do ser humano, que só pode cantar a alegria com verdade se conhecer a tristeza, e o contrário. É o contraste de que já falava

Pitágoras: só se conhece o som porque se conhece o silêncio.

Há umas décadas atrás, o público português do Fado era mais idoso, hoje é um público jovem. Sinal dessa renovação?

É algo que me deixa muito contente, tendo consciência que a renovação do público não é de agora, começou há umas décadas. Julgo que é porque o Fado passou a cantar a atualidade, com a qual os jovens se identificam.

Sente grande diferença quando canta para um público nacional ou para um público estrangeiro?

Noto que os estrangeiros ficam fascinados com uma cantiga tão simples mas tão profunda. Não sabem explicar porque é que ficam tocados, nem eu consigo explicar.

O Ricardo já tem uma carreira internacional. Como é cantar lá fora, em salas onde não há um único português?

O facto do público não entender a língua é quase irrelevante. É um fenómeno. Eu, quando canto, faço uma viagem em que procuro levar o espírito do Fado. Quando transportamos esse espírito, fecho os olhos e canto, o fenómeno acontece e as pessoas ficam arrepiadas, totalmente em silêncio. Recentemente estive no Irão, na Bélgica, nos Estados Unidos, em França, em Marrocos, na Jordânia, na China... Tantos países, tão diferentes, mas onde o fenómeno do Fado acontece. Agora vamos à Finlândia.

Para nós, que entendemos a língua, ouvimos nas letras do Fado dois temas recorrentes: o amor perdido numa idade de ouro e Lisboa.

São temas que se fundem na mesma coisa. O amor, que viveu em Lisboa e continua a viver no Fado. Os fadistas precisam da rua que é a sua vida, é a rua que faz de nós lisboetas – que bebemos destes sons, destes cheiros, desta luz e de uma ideia de amor. Lisboa é a cidade do mundo que mais poesia tem dedicada a ela. Não há Fado sem Lisboa, nem Lisboa sem Fado. 🍷



Biblioteca e cowork no Palácio Baldaya

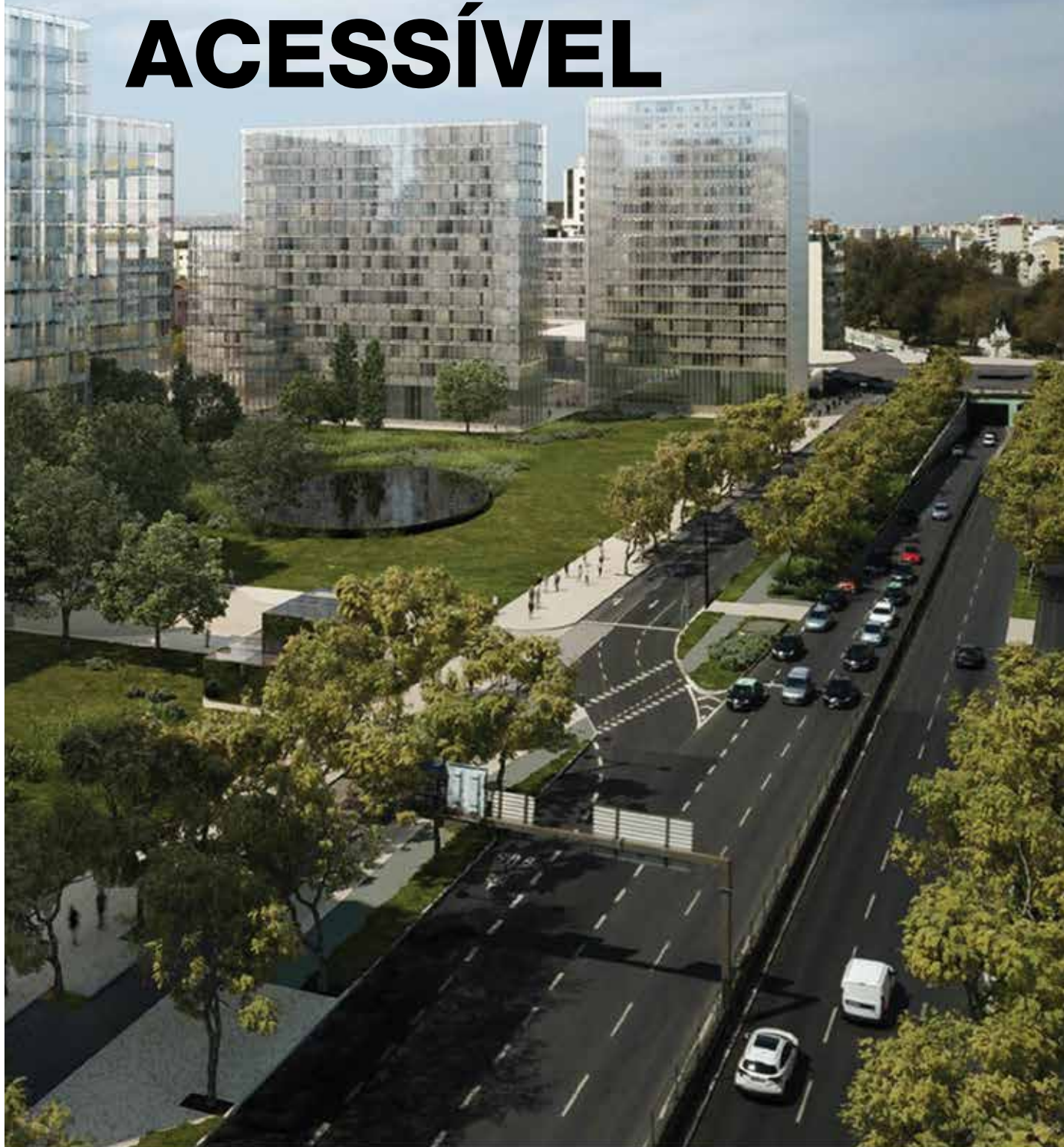
Construído em 1840 e requalificado em finais do ano passado, no âmbito de uma proposta do Orçamento Participativo, o Palácio Baldaya, em Benfica, conta agora com uma biblioteca e um espaço de *cowork*. Jardins, cafetaria, ludoteca, área para formação e vários espaços para atividades culturais – exposições, *workshops*, tertúlias e pequenos concertos – são outras valências do palácio.

O espaço de *cowork*, destinado a jovens empreendedores, proporciona locais de trabalho partilhados ou individuais, apoio administrativo e serviços de capacitação e aceleração dos projetos de negócio – como formação, consultoria e mentoria. Esta iniciativa resulta de uma parceria com a plataforma Made Of Lisboa.

Outrora ocupado pelo Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, o Palácio Baldaya passou a ser gerido pela Junta de Freguesia de Benfica. 🏛️



NOVA ENTRECAMPOS 700 CASAS COM RENDA ACESSÍVEL





A zona de Entrecampos vai ser alvo de uma das maiores operações urbanísticas das últimas décadas em Lisboa, no espaço da antiga Feira Popular.

TEXTO Luís Figueiredo | FOTOGRAFIA CML-DMU

Ligando a Avenida da República à Avenida 5 de Outubro, a operação integra habitação, escritórios, espaço público e espaços verdes, comércio, equipamentos sociais e equipamentos culturais. O investimento ronda os 800 milhões de euros, dos quais cerca de 100 milhões serão da responsabilidade direta do município.

Além das 700 casas incluídas no programa municipal “Renda Acessível”, serão colocados no mercado 284 apartamentos de venda livre, e garantidos cerca de 25 mil metros quadrados de espaços verdes, criando uma continuidade face ao jardim Mário Soares (Campo Grande).

O plano prevê ainda uma ampla área de comércio, privilegiando as lojas de rua. Será igualmente preservada a memória do antigo Teatro Vasco Santana.

O novo centro de serviços, com 140 mil metros quadrados, permitirá, de acordo com as estimativas, a criação de cerca de 15 mil novos postos de trabalho.

A nova centralidade não vai descurar a vertente de apoio social. Estão previstas três creches e um jardim-de-infância, uma unidade de cuidados continuados, um lar e um centro de dia. 🏠

PROGRAMA RENDA ACESSÍVEL

Cerca de 7 mil habitações, resultantes de construção nova ou reabilitação, serão disponibilizadas para arrendamento com valores abaixo do mercado. Os contratos, de longa duração, podem chegar aos 50 anos.

Distribuídas por quinze locais da cidade bem servidos de transportes públicos, comércio local, serviços públicos e áreas verdes, estas casas inserem-se no programa “Renda Acessível”, que visa a regeneração urbana e o rejuvenescimento demográfico, procurando alargar a todos o acesso à cidade.

No âmbito das operações previstas, num total estimado de 23, estarão também disponíveis para arrendamento, a preços de mercado, espaços para comércio e serviços.



LIVRARIA SOLIDÁRIA DE CARNIDE



A Livraria Solidária é um novo e acolhedor espaço cultural que veio dinamizar a comunidade de Carnide. Promove a leitura, a solidariedade e a inclusão.

É um projeto apoiado pelo programa municipal BIP/ZIP, destinado a financiar iniciativas de desenvolvimento local.

TEXTO Sara Inácio | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

É a partir da livraria que se desenvolvem outras iniciativas de promoção do livro e da leitura, como as leituras ao domicílio e a troca de livros em locais espalhados pela freguesia. Dispõe de mais de sete mil títulos em livros novos ou usados, a preços muito acessíveis, entre um e cinco euros, e as receitas revertem a favor das atividades promovidas.

Leituras ao domicílio combatem o isolamento

As leituras ao domicílio funcionam com um grupo de voluntários que regularmente vão a casa de pessoas em risco de isolamento ou com mobilidade reduzida, para contar e ouvir histórias. Ao primeiro sábado de cada mês há sempre atividades gratuitas na Livraria Solidária: horas do conto, *workshops* ou lançamentos de livros.

Trata-se de um projeto municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, apresentado e desenvolvido pela associação Boutique da Cultura, em parceria com as associações Crescer a Cores e Azimute Radical.

Aberta ao público todos os dias úteis, e sempre ao primeiro sábado de cada mês, das 14h30 às 19h30, a Livraria Solidária localiza-se numa das entradas do centro histórico de Carnide, nas traseiras da Igreja da Luz. Funciona numa antiga vivenda, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que desta forma se associou à iniciativa.

O espaço foi decorado de acordo com o tema do projeto: paredes forradas com folhas de livros antigos e pintura dos murais exteriores a lembrar estantes. Salas pequenas e acolhedoras e um agradável pátio exterior convidam a boas leituras.

Um projeto de voluntariado

Na Livraria Solidária recebe-nos uma calorosa equipa. Celeste Amaral, 69 anos, refor-

mada, dá um pouco do seu tempo a este projeto. “Sabe, faço aqui trabalho de voluntariado com muito gosto para ver se consigo ficar mais nova”, afirma-nos com um belo sorriso, enquanto arruma, por temas, alguns livros que tem em mãos. O jovem Tiago Benfica, com um pequeno espanador, vai sacudindo o pó das prateleiras. Mais dois jovens juntam-se à conversa: Sebastien Pellier, de Montpellier, tem 26 anos e é licenciado em eventos e relações públicas; José Lopez, de Alicante, tem 28 anos e é historiador. Ambos estão a fazer Erasmus, por um ano, em serviço de voluntariado. Na livraria têm tido a responsabilidade de catalogar os livros e de desenvolver algumas atividades junto da comunidade. 📖



Livraria Solidária de Carnide
Rua General Henriques de Carvalho, 3

Bip, um herói no Vale de Alcântara

“Mão guia – guia-te para a vida” é um projeto de intervenção social, a decorrer na Quinta do Cabrinha, Bairro do Loureiro e Ceuta-Sul: oferece literacia em saúde para seniores; dá formação em *pet-sitting* – acompanhamento de animais domésticos – a mulheres desempregadas (com empregabilidade através da plataforma “Bipet – Pet-sitting solidário”); e promove comportamentos cidadãos e inclusivos junto das crianças em idade escolar.



O verdadeiro herói do projeto é o *Bip*, um cão recolhido de um abrigo e treinado para interagir com as crianças. Este amigo de quatro patas é já protagonista de dois livros adaptados a leitores com dificuldades visuais ou cognitivas: *Bip, a Vida de um Cão*, de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Pedro Salvador Mendes, e *Bip! Onde está o Coração*, de Eduarda de Sousa Pires, com ilustrações de Maurício Hilgert.

Este projeto é financiado pela autarquia através do programa BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, e resulta de uma parceria entre várias entidades, nomeadamente a Associação Mão Guia, a Cruz Vermelha Portuguesa e o Instituto Politécnico de Leiria.

Cool’arte Crescente em Marvila

Em Marvila, “constrói-se” comunidade através do projeto “Cool’arte Crescente”, nos bairros Marquês de Abrantes, Quinta do Chale, Salgadas e Alfinetes.

Um grupo de facilitadores procura envolver a população na vida da comunidade: promovem assembleias locais; dão formação em YouTube para jovens com vista à criação de um canal; dinamizam uma horta na escola básica (2º e 3º ciclo); animam ateliês temáticos e ciclos de cinema; e organizam espetáculos de dança e músicas tradicionais, de origem cigana, africana e portuguesa, tirando partido da diversidade cultural destes bairros.



O projeto foi financiado pelo programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, e tem como missão promover a coesão social, capacitando as comunidades locais para o desenvolvimento das suas próprias potencialidades. O Grupo Comunitário 4 Crescente, responsável pelo projeto, conta com a parceria de diversas entidades públicas e privadas que atuam no território.

Abrem-se portas no Bairro de Santos, ao Rego

“Portas Abertas” abre portas que se encontram fechadas no Bairro de Santos (ao Rego), com atividades que promovem a inclusão de idosos isolados por motivos de saúde, financeiros ou psicológicos.

O combate à exclusão é feito através de informação, formação e divulgação sobre os problemas do envelhecimento e formas de prevenção, para que idosos, familiares e cuidadores tenham melhor qualidade de vida.



Este projeto promove, ainda, um espírito de solidariedade e entreatajuda, incentivando os idosos mais ativos a estarem atentos a situações de isolamento na vizinhança.

Financiado pelo programa municipal BIP/ZIP e gerido pela ANADIC – Associação Nacional de Apoio ao Desenvolvimento, Investigação e Comunidade, “Portas Abertas” conta também com a participação da Junta de Freguesia das Avenidas Novas, da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima e do Rotary Club Centennarium.

Avança o restauro da IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO

A pós o êxito da recolha de fundos para ações de restauro da Capela de São Cristóvão, no seguimento de uma proposta vencedora do Orçamento Participativo, a tela do altar-mor está totalmente recuperada, e já começaram as obras de recuperação do telhado e fachadas, com um custo previsto de 140 mil euros.

O financiamento foi conseguido através de várias iniciativas, com destaque para a assinatura das telhas por duas mil pessoas.

Seguem-se mais ações de divulgação e angariação de receitas, como visitas à obra, visitas guiadas à Mouraria cristã, jantares culturais e outros eventos.

A recuperação deste monumento do século XVII está orçada em um milhão de euros. Esta é a primeira fase do processo e a paróquia procura agora mecenas que “adotem” as 36 telas de Bento Coelho da Silveira, cujo restauro está avaliado em 350 mil euros. ✚





Aqui há arte

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA Américo Simas

A escola básica Manuel da Maia, em Campolide, acolhe dois projetos artísticos: o ateliê de artes plásticas MArt e a Academia Mundo das Artes, vocacionada para as artes cénicas, cinema e televisão. Ocupam espaços da escola e partilham os seus saberes com os alunos. São já muitas as crianças que descobrem nas artes a sua vocação.

“O que é que estão aqui a fazer?”, veio o Luís perguntar. “Estamos a fazer uma reportagem sobre as oficinas de arte da tua escola.” “Ah! Eu gosto muito de desenhar e desenho bem”, responde com firmeza o Luís, do alto dos seus dez anos. “E o que é que desenhavas?”, perguntamos. “Tudo, sobretudo os heróis da Marvel, Homem-Aranha, Super-homem, Batman.” Aponta para o mural: “E já sei o que vou desenhar ali.” “O que vai ser?” “É surpresa”, e afasta-se todo contente.

O mural está preparado e a aguardar os desenhos das crianças da Escola Manuel da Maia.

Desenho e pintura

A formação em artes plásticas decorre sob a direção do artista André Almeida e Sousa. “Eles são muito participativos e aderiram muito bem às aulas de desenho e pintura. Vão lá porque decidiram ir e por isso estão motivados. Nada lhes é imposto. Exploramos a criatividade e lentamente vamos introduzindo as técnicas. São descobertas em que todos participamos.”

André é um dos responsáveis, juntamente com Paulo Brighenti, Ana Lúcia Natalidade e Patrícia Sasportes (fundadora), pela MArt, uma estrutura de formação dirigida a todos os que querem saber mais sobre arte e técnicas artísticas. Através de um protocolo com a Escola Manuel da Maia, as oficinas afetas à escola disponibilizam formação e investigação em artes plásticas e estão abertas a todos os alunos inte-



ressados. Em contrapartida, estão instalados em bonitos edifícios reabilitados que reúnem agora condições ótimas de trabalho.

Representação e escrita criativa

Num outro espaço funciona também a escola de atores para televisão e cinema AMA – Academia Mundo das Artes que, além de dar formação em representação e guionismo, acolhe os alunos da escola que queiram iniciar-se nas artes cênicas vocacionadas para o mundo televisivo, e auxilia o grupo de teatro da escola. Um protocolo que chegou pela mão da Junta de Freguesia de Campolide e que agora se traduz num conjunto de salas de ensaio e pequenos

estúdios de filmagem onde os alunos frequentam aulas de representação e de escrita criativa.

Para a diretora do agrupamento Manuel da Maia, a professora Filomena Leite Pinto, esta foi uma forma “de abrir a escola à comunidade, ao mesmo tempo que se luta contra a estigmatização associada ao antigo bairro do Casal Ventoso que ainda ensombra a escola. Os processos de realojamento e várias intervenções da Câmara têm permitido trazer uma nova dinâmica a toda a zona. Claro que ainda lutamos contra algumas dificuldades – nomeadamente carência de funcionários auxiliares e grande rotatividade de professores –, mas estes são projetos estruturantes que permanecem e criam identidade. A comunidade ganha, a escola ganha, os alunos e os professores ganham. Não foi por acaso que a Manuel da Maia foi a escola escolhida para as comemorações do centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen. Todos ficamos a ganhar”. 📍



educação

Ajuda e Arroios com “Escola Nova”

Na Ajuda, 75 crianças entre os três e os cinco anos tiveram este ano direito a “Escola Nova”, com a reabilitação e modernização do Jardim-de-Infância Alexandre Rodrigues Ferreira. O mesmo aconteceu em Arroios, na Praça das Novas Nações, para os 160 alunos da Escola Básica Sampaio Garrido.

O programa municipal “Escola Nova” prevê um investimento de cerca de 59 milhões de euros na requalificação e construção de 40 escolas do ensino básico e pré-escolar de Lisboa.



O jardim-de-infância da Ajuda representou um investimento de cerca de 800 mil euros e implicou a renovação integral do antigo edifício, bastante degradado. Tem agora três amplas salas, muita luz, sala polivalente, ginásio e refeitório com cozinha.

Na Escola Básica Sampaio Garrido o investimento atingiu os 1,4 milhões de euros. Alunos e professores contam agora com salas de aula bem equipadas, refeitório, cozinha, biblioteca, ginásio, espaços lúdicos e campo de jogos.

Passes e manuais escolares gratuitos

Os alunos já podem ter o Navegante Escola, um cartão que é ao mesmo tempo o cartão escolar, um passe de transporte gratuito para Carris e Metro, e um “livre-trânsito” para os teatros, museus e bibliotecas da cidade.

Esta medida prevê abranger mais de 14 mil alunos do primeiro ciclo, até aos 12 anos, alargando-se ao segundo e terceiro ciclos a partir do próximo ano.



A solicitação deste cartão “multiusos” é feita nas escolas pelos encarregados de educação.

Também este ano, pela primeira vez, os alunos das escolas públicas de Lisboa — básicas e secundárias — tiveram direito a manuais escolares gratuitos.

Refeições escolares Cozinha própria e sem plásticos

Até 2021 cerca de 50 % das escolas da cidade terão confeção própria nos seus refeitórios. Esta é uma medida que não só procura introduzir melhorias na qualidade das refeições fornecidas aos alunos, mas também reduzir significativamente o plástico utilizado no *catering* por empresas fornecedoras.



A intenção vai mais longe e prevê-se a abolição de materiais de plástico associados à refeição, como copos, palhinhas, pratos, talheres ou outros. A autarquia prevê uma redução de cerca de 50 toneladas anuais de desperdício plástico, uma medida que reduz significativamente a pegada ecológica da cidade, sensibilizando também os mais pequenos para as questões ambientais.



Prémios para Vinhos de Lisboa

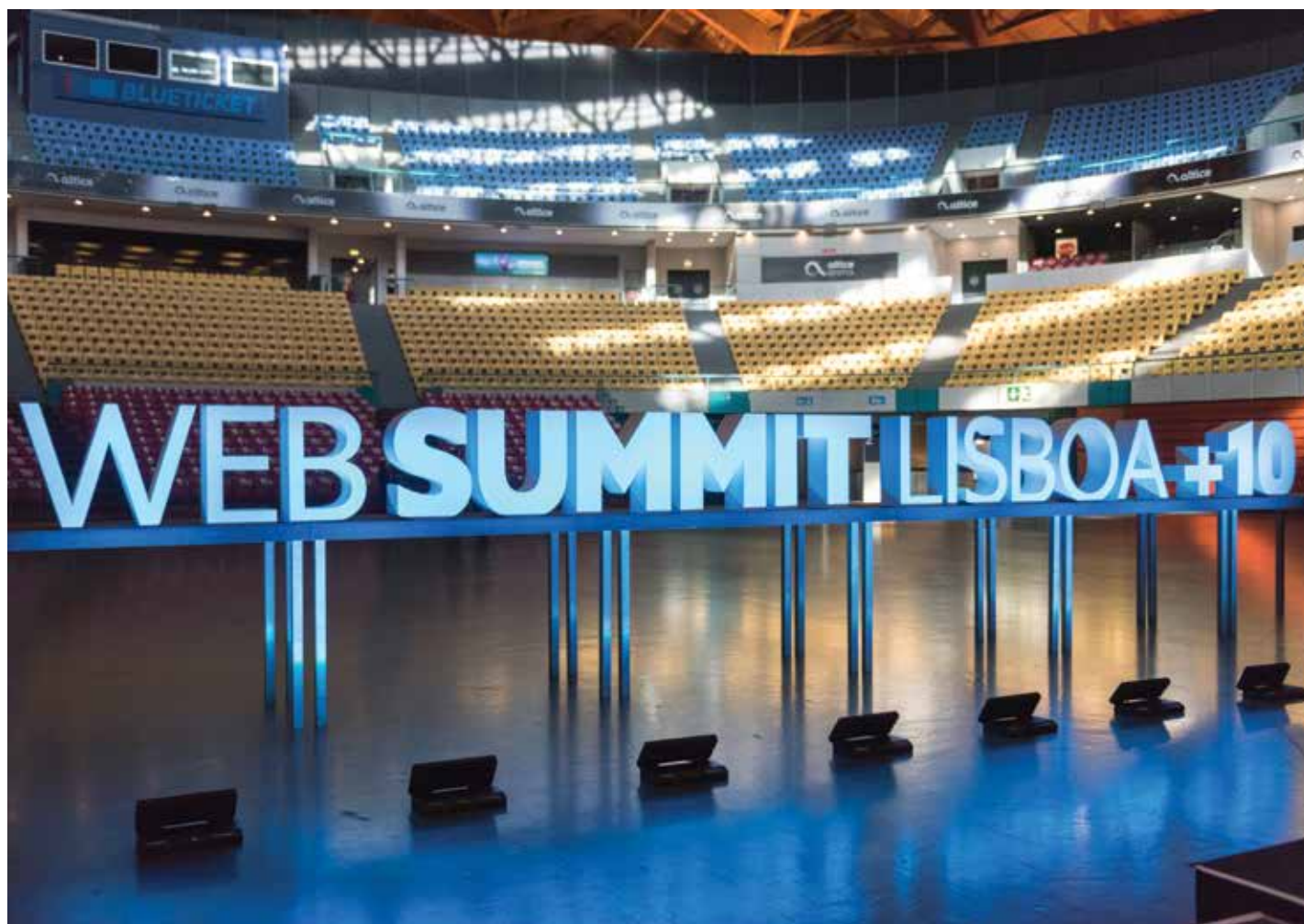
Corvos de Lisboa, Tinto 2017, o vinho produzido no Parque Vitivinícola de Lisboa, junto ao Parque da Bela Vista – resultado da parceria entre a autarquia e a Casa Santos Lima –, foi distinguido com uma medalha de ouro na edição de 2018 do *Concours Mondial de Bruxelles*.

A 25.^a edição do prestigiado concurso decorreu este ano em Pequim, onde estiveram à prova mais de 9 mil vinhos, de 48 países produtores, que foram avaliados por cerca de 330 jurados de mais de 50 países.

Logo no ano de estreia da produção, também o vinho branco foi reconhecido. *Corvos de Lisboa*, Arinto 2017, foi premiado com uma medalha de ouro na edição de 2018 do Concurso de Vinhos de Portugal, da Vini Portugal. Este certame teve lugar em Santarém, tendo sido avaliados 1307 vinhos por 160 jurados, 30 dos quais estrangeiros.

A vinha foi plantada em 2014 e a primeira vindima decorreu em setembro de 2017. 🍷





ANA LUISA ALVIM

WEB SUMMIT fica mais dez anos

A maior cimeira mundial dedicada à internet e à tecnologia continuará a ser realizada em Lisboa pelos próximos dez anos. Uma década que põe Lisboa no mapa dos grandes acontecimentos mundiais sobre tecnologia de ponta e inovação.

Paddy Cosgrave, CEO da Web Summit, assumiu que se apaixonou por Lisboa, e que a cidade oferece condições únicas para a realização do evento – que visa atingir os 100 mil participantes. Lisboa superou as candidaturas de Madrid e de Londres e oferece o contexto

ideal, afirmou o fundador da Web Summit. Lisboa e o país têm vindo a ser um local atrativo para empresas de tecnologia fixarem alguns dos seus polos tecnológicos, como aconteceu recentemente com a Google ou com a Mercedes-Benz.io, que ficará sediada no Hub Criativo do Beato. Com a permanência da Web Summit em Lisboa durante a próxima década criam-se oportunidades para dar a conhecer Lisboa a novos investidores e potenciar a criatividade e inovação nacional através de contactos e novas oportunidades de negócio. 📍



És feito
do que
amas:

 **55%**
cultura

 **15%**
negócios

 **30%**
raridades

João Pires
Alfarrabista e Dono
O Mundo do Livro

MADE OF
LISBOA

Community
of Lisbon-based
Innovators



LOJAS COM ALMA

FERRAGENS GUEDES

TEXTO Luis Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Nuno Correia



Abriu portas em 1922, na Rua Portas de Santo Antão, 32, e continua a ser uma das poucas casas de ferragens com produção própria. O seu fundador, Luís Guedes da Silva, encontrou aqui um local para escoar as peças que produzia nas suas fundições, a partir de moldes da sua criação e engenho.

Os moldes próprios e exclusivos são, aliás, o grande trunfo da casa. Ao longo de quase um século são quase dez mil os moldes entretanto produzidos, garantindo ao cliente a certeza de encontrar aqui aquilo que pretende, meticulosamente arrumado em gavetas de madeira escura, ostentando na face uma brilhante peça ilustrativa do seu conteúdo.

Para além de todo o tipo de porcas, parafusos, pregos, escáfulas e tudo o mais que em latão, ferro ou aço é necessário na construção, marcenaria ou bricolage, a Ferragens Guedes ainda oferece a sua produção própria à medida: ferrolhos, puxadores e asas, chaves e fechaduras, números e letreiros, cabides, batentes, dobradiças, manípulos, argolas, varões, calhas, guias, bases de candeeiro, lanternas, suportes, corrediças... – enfim, tudo o que é necessário para o acabamento de portas, janelas, móveis, casas de banho e iluminação.

A particularidade deste estabelecimento é, pois, a oferta de artigos exclusivos, produzidos a partir dos seus moldes. O saber acumulado na criação de moldes e no acabamento das peças fundidas (limagem, polimento) permite oferecer peças únicas, de design tradicional portugueses, que não se encontram noutras lojas de ferragens. Neto do fundador, o atual proprietário, José Guedes, é hoje o orgulhoso testemunho de uma tradição que persiste em ocupar o seu lugar no centro da cidade, para espanto e deslumbramento de quantos a visitam. 🏠





ROSTOS DE LISBOA

HUMBERTO FONSECA

O Rei das Borrachas

Humberto Alves da Fonseca tem 90 anos e há muitos que fez nascer a conhecida Loja das Borrachas no número 2 da rua Carvalho Araújo, freguesia de Arroios. Apesar da avançada idade, dedica-se de corpo e alma ao negócio que fundou nos anos 50 e o tornou conhecido como o *Rei das Borrachas*.

TEXTO Sara Inácio | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

Neste pequeno espaço pode-se encontrar todo o tipo de borrachas técnicas para a indústria, comércio, ramo automóvel e lar. Vende, ainda, acessórios para máquinas de lavar roupa e loiça, frigoríficos e arcas, aspiradores e fogões; repara e vende painéis de pressão, de várias marcas e modelos, incluindo industriais.

Figura simpática, a do senhor Humberto: baixa estatura, olhos vibrantes por detrás dos seus óculos. Sentado na sua cadeira à entrada da loja, com o jornal desportivo que compra diariamente dobrado sobre os joelhos, aguarda os seus clientes. Já foi o tempo em que estava sempre atrás do balcão.

Mariana é invisível e entra na loja para substituir a borracha da sua bengala que se

gastou com o tempo. Ainda ligeiro, o senhor Humberto levanta-se da cadeira e vai direito à gaveta de madeira onde tem esses terminais. Com a ajuda de um pequeno canivete, encosta a ponta do nariz na bengala, retira a borracha velha e substitui-a por uma nova. “São dois euros e meio”. Recebe o dinheiro, não há troco, e volta a sentar-se.

“Aqui encontramos peças de automóveis dos anos 60, 70...”

Numa outra cadeira de braços, Manuel Joaquim, um amigo de longa data que aqui vem diariamente dar dois dedos de conversa, observa-o e confia-nos: “Já o conheço há

muitos anos quando eu ainda trabalhava na reparação de automóveis. É fantástico, sabe de tudo. Aqui encontramos peças de automóveis dos anos 60, 70, tubos de água... difíceis de adquirir. Este senhor é o exemplo cã do bairro, pela simpatia, eficiência, sabedoria e delicadeza”.

O “nosso” *Rei das Borrachas* hoje tem a seu lado o filho, Jorge Humberto, de 56 anos, que apesar de ter uma licenciatura em Matemáticas Puras, área da investigação, se dedicou ao trabalho do pai. “Aprendi a gostar disto logo desde muito pequeno, quando para aqui vinha. Ficava fascinado porque o meu pai sabia tudo o que se relacionava com borrachas. Hoje somos especialistas, trabalhamos com boas marcas e só temos peças de origem. Também fazemos consertos das

panelas de pressão, ferros de engomar, micro-ondas, entre outras reparações.”

Humberto ouve atentamente o filho, com um sorriso nos lábios. Está feliz por o ter a seu lado. Benfiquista ferrenho, adora Lisboa e a “catedral”. É amigo pessoal de Fernando Santos, selecionador nacional. Nasceu na já desaparecida maternidade do Hospital de São José. O seu pai era pintor na Marinha e a mãe lavadeira. Começou a trabalhar aos 12 anos numa drogaria na Graça, onde hoje mora, e sempre brincou nas ruas do bairro com a “canalha”. Continua a trabalhar no Chile “até que Deus queira”. Gosta de passear, por Belém, pelo Parque das Nações... “antigamente aquilo era uma lixeira, foi uma boa obra que fizeram. A minha Lisboa está mais bonita!” ❖



HUMBERTO FONSECA E O FILHO, JORGE HUMBERTO.

Música

Super Bock em Stock

O Super Bock em Stock regressa este ano à Avenida da Liberdade, em Lisboa, nos dias 23 e 24 de novembro.

Conhecido nos últimos anos como Vodafone Mexefest, o festival retoma a sua antiga designação, mas mantém o mesmo princípio: mostrar a nova música que se faz por cá e lá fora, inovando no conteúdo e na forma.



Os concertos distribuem-se por vários espaços da avenida e artérias limítrofes: cinema São Jorge, Capitólio (cineteatro, bastidores e terraço), teatro Tivoli BBVA, Palácio Foz, Estação Ferroviária do Rossio, Garagem EPAL, Sociedade de Geografia de Lisboa, Coliseu dos Recreios e Casa do Alentejo, e ainda a rádio SBSR.

Johnny Marr, Elvis Perkins, Charles Watson, The Harpoonist and the Axe Murderer e Conan Osiris são alguns dos nomes em cartaz.

Caminhar pelas ruas e de sala em sala, descobrir música nova, desfrutando e descobrindo também os recantos da cidade que, no dia-a-dia, nos passam despercebidos são outras tantas razões do sucesso deste festival.

Festival Literário Dias do Desassossego

Duas datas, duas casas, dois escritores: este ano, entre 16 e 30 de novembro, a Casa Fernando Pessoa e a Fundação José Saramago voltam a programar em conjunto os Dias do Desassossego com leituras encenadas, música, entrevistas, passeios literários e arte urbana.



Entre o dia de nascimento de José Saramago e o dia da morte de Fernando Pessoa, a leitura e os seus efeitos são pretexto para o encontro na Casa Fernando Pessoa e na Fundação José Saramago, mas também noutros locais da cidade, como o Teatro São Carlos ou o Teatro São Luiz, e nesta edição, pela primeira vez, também no Porto, no Teatro do Campo Alegre.

Teatro São Luiz Netos de Gungunhana

A nova criação do Teatro O Bando é uma colaboração entre artistas portugueses, brasileiros e moçambicanos, e baseia-se na trilogia de Mia Couto, *As Areias do Imperador*.

Netos de Gungunhana reflete sobre as pequenas teias de poder presentes na família que, de forma progressiva, se vão estendendo às tribos, cidades, países e federações.



Este espetáculo constrói-se a partir da figura do último imperador moçambicano, Gungunhana, que, para alguns, foi um herói e um salvador e, para outros, um ditador e um pesadelo, assumindo-se em palco que a realidade se constrói a partir de diferentes pontos de vista. Nesta peça questionam-se os colonialismos, os históricos e os de todos os dias, as manipulações domésticas e os líderes de fachada, e também as manobras de um poder que maniata na sombra, à vista de todos. *Netos de Gungunhana* é um projeto que ultrapassa fronteiras, do tempo e do espaço. Em cena, de 25 de outubro a 11 de novembro, no São Luiz Teatro Municipal.

PRIMEIRA TEMPORADA DO LU.CA

o novo teatro para crianças e jovens

TEXTO Mafalda Ferraz | FOTOGRAFIA Nuno Correia



Teatro, dança, marionetas, conferências, cinema, artes plásticas, oficinas e muito mais compõem a programação do novo Teatro Luís de Camões – Lu.ca, o primeiro teatro municipal do país exclusivamente dedicado a crianças e jovens.

inaugurado no passado mês de junho, na Calçada da Ajuda, o LU.CA reabriu em setembro, depois das férias, e “encontrámos, com enorme satisfação, a casa cheia e o público fiel que sempre acompanhou a programação para o público infantil e juvenil no Teatro Maria Matos, que foi o sítio onde este projeto começou”, explicou Susana Menezes, diretora artística do teatro. Com a qualidade e diversidade da programação, e contributos de criadores de topo nas diversas áreas, o sucesso não é difícil de explicar.

Na vertente teatral, a temporada iniciou-se com um espetáculo encomendado ao ator e dramaturgo Alex Cassal. Outro destaque vai para as Miniconferências para Miúdas e Miúdos Curiosos, com debates a decorrer em outubro e novembro sobre

temas como a utopia e o racismo. Este último tema voltará a estar na berlinda na sessão de cinema “A Diferença e o Racismo”, no dia 25 de novembro, incluída no festival Play, que decorre ali e em vários lugares da cidade.

Leonor Keil cria espetáculo para crianças

Também na dança há novidades em novembro. A bailarina e coreógrafa Leonor Keil apresenta a sua primeira criação para um público infantil, *Bianca Branca*, um espetáculo a partir do conto *Bianca*, de Fausto Gilberti, com interpretação de Rita Omar. Antes de o ano terminar, em dezembro, o LU.CA acolhe ainda um espetáculo internacional com manipulações ilusionísticas, e estreia uma peça de marionetas, a primeira coprodução do teatro com parceiros a nível nacional. 🎭



À conversa com **MARGARIDA VILA-NOVA** ... no Campo das Cebolas

“Venho aqui com alguma frequência. Moro mesmo ali em cima, em frente à Sé, e trago os meus filhos ao jardim do Campo das Cebolas para brincarem”, diz Margarida Vila-Nova.

Quando combinámos o local da entrevista, não prevíamos que a rotina familiar da atriz passasse por esta zona histórica de Lisboa. Mas foi uma boa surpresa. Margarida conhece a cidade ao detalhe.

TEXTO Mafalda Ferraz | FOTOGRAFIA Nuno Correia

“É importante termos alguns espaços próximos de casa onde podemos dar um passeio, andar de bicicleta, montar a toalha do piquenique ou então simplesmente parar e aproveitar este bonito espaço de esplanadas”.

Margarida Vila-Nova recorda a sua infância entre a Madragoa e o Príncipe Real. “Lembro-me de ir a pé para a escola, cresci no jardim da Estrela, o jardim da minha infância. Mais tarde, essa zona perdeu aquilo que eu achava simpático: a mercearia, a padaria, a peixaria; a minha família vivia toda ali, tínhamos contas em todo o lado, e foi esse ambiente bairrista que reencontrei no sítio onde agora vivo, a zona da Sé”.

“Eu sou dos mercados. Gosto de ir escolher o peixe, as frutas, os legumes. Gosto da dinâmica de bairro, das famílias, das relações.”

Enamorada pelo seu bairro, onde se sente segura a viver com os filhos, a atriz é curiosa e gosta de explorar outros locais da cidade. “No outro dia fui a Alvalade para ir de propósito ao mercado, que é espetacular. Eu sou dos mercados. Gosto de ir escolher o peixe, as frutas, os legumes. Gosto da dinâmica de bairro, das famílias, das relações.”



Margarida Vila-Nova é uma das mais brilhantes atrizes da sua geração, mas há cerca de oito anos decidiu embarcar na aventura com o seu marido, o realizador Ivo Ferreira, e trocou Lisboa por Macau. A atriz, que já tinha protagonizado algumas das novelas de maior sucesso da televisão portuguesa e produzido peças de teatro, sentiu que precisava de parar, de reestruturar a sua vida.

“Precisei de me reinventar. Tinha feito muita televisão e estava saturada. Apetecia-me fazer coisas diferentes, teatro e cinema. Na época, os subsídios estavam congelados e tínhamos um filho de dois anos... pensámos que podíamos ser mais do que atores e realizadores. Foi tempo de ver o nosso filho crescer, de viajar.” Margarida fez uma pausa na representação e dedicou-se aos produtos portugueses, tornando-se proprietária das lojas Mercearia Portuguesa e Futura Clássica. Acabou por se reencontrar e regressou mais motivada que nunca para explorar o seu talento, a representação.

“Estarmos a viver em Macau aproximou-nos do nosso país, das nossas tradições e da nossa cultura”.

Margarida é uma apaixonada por Lisboa e pelo país, que conhece de norte a sul. “Estarmos a viver em Macau aproximou-nos do nosso país,

das nossas tradições e da nossa cultura”. Margarida viajou pelo sudeste asiático, conheceu outras culturas, outras línguas, outras formas de pensar, e isso – diz – “só nos pode enriquecer, alarga-nos os horizontes, ajuda-nos a dar valor às coisas simples, como descer ao Campo das Cebolas e ver o rio, mesmo num dia cinzento.”

Margarida mostra-se imparável. Terminada a novela “Paixão”, onde protagonizou Luísa, uma mulher forte, determinada e com uma relação muito especial com a filha, a atriz já interpretou a personagem S. na peça Novo Mundo, na Culturgest, seguindo-se Lady Macbeth, nas Ruínas do Carmo. Neste momento, não revela se regressará a Macau ou se se mantém com a família em Lisboa: “Ainda não sabemos, a decisão está no ar.”

Sem medo de arriscar, quando se imagina daqui a dez anos pode estar em Macau ou em qualquer outro lugar onde nós, portugueses, já estivemos um dia. “Posso ir a Moçambique, a Timor, ao Brasil, e talvez levar uma Mercearia Portuguesa comigo; é uma ideia”, adianta a atriz no final da entrevista, em tom de brincadeira.

Margarida Vila-Nova tem muitas metas para atingir, e talvez um dia a possamos ver em Nina, de Tchekhov, uma personagem que ela gostaria muito de interpretar, mas como diz: “se não o fizer já fui feliz a lê-la; temos de ver o lado positivo da vida”. 🍷



VIAJAR PELO MUNDO SEM SAIR DE LISBOA TODOS – CAMINHADA DE CULTURAS

O festival “Todos” tem afirmado Lisboa como uma cidade de diálogo: entre culturas, religiões e pessoas de diversas idades e proveniências. Comemorou este ano a sua 10.^a edição. TEXTO Marta Rodrigues | FOTOGRAFIA Nuno Correia

Um projeto cultural que tem contribuído para a desmitificação de guetos territoriais associados à imigração, abrindo a cidade a todas as pessoas interessadas em nela viver e trabalhar, fazendo de Lisboa uma cidade amiga, fraterna e plural.

“Intenso, poético, ativista, afetivo”

Em setembro deste ano, o “Todos” partiu à descoberta da freguesia de São Vicente. Em anos anteriores tinha passado pelo Martim Moniz, Intendente e Mouraria, Poço dos Negros e São Bento, Campo dos Mártires da Pátria e Colina de Santana.

Assinalando, este ano, a sua décima edição, o “Todos” editou um livro de memórias, em imagens e texto, dos grandes momentos e participantes neste evento.

Em vários espaços imprevistos e pouco conhecidos da freguesia, este festival viajou

pelo mundo através das artes: música, dança, performance, teatro, gastronomia, conversas e visitas-guiadas, além de uma exposição fotográfica sobre as pessoas e o bairro de acolhimento.

Em declarações à Revista Lisboa e em jeito de balanço, Miguel Abreu, diretor artístico do “Todos”, considera que foi “a edição mais inclusiva do festival, a que mais imigrantes e refugiados envolveu em projetos artísticos cruzados, com artistas de diversas origens e circunstâncias. Intenso, poético, ativista, afetivo”.

“O ‘Todos’ testemunhou uma vez mais que a cultura desenvolve e aproxima pessoas, se em vez de massificada e massificadora for um abraço próximo e cúmplice daqueles que nos rodeiam.” Abraço que, nesta edição, envolveu 20 mil espetadores. “Só assim, juntos, poderemos jubilar o mundo”, conclui Miguel Abreu. 🌍

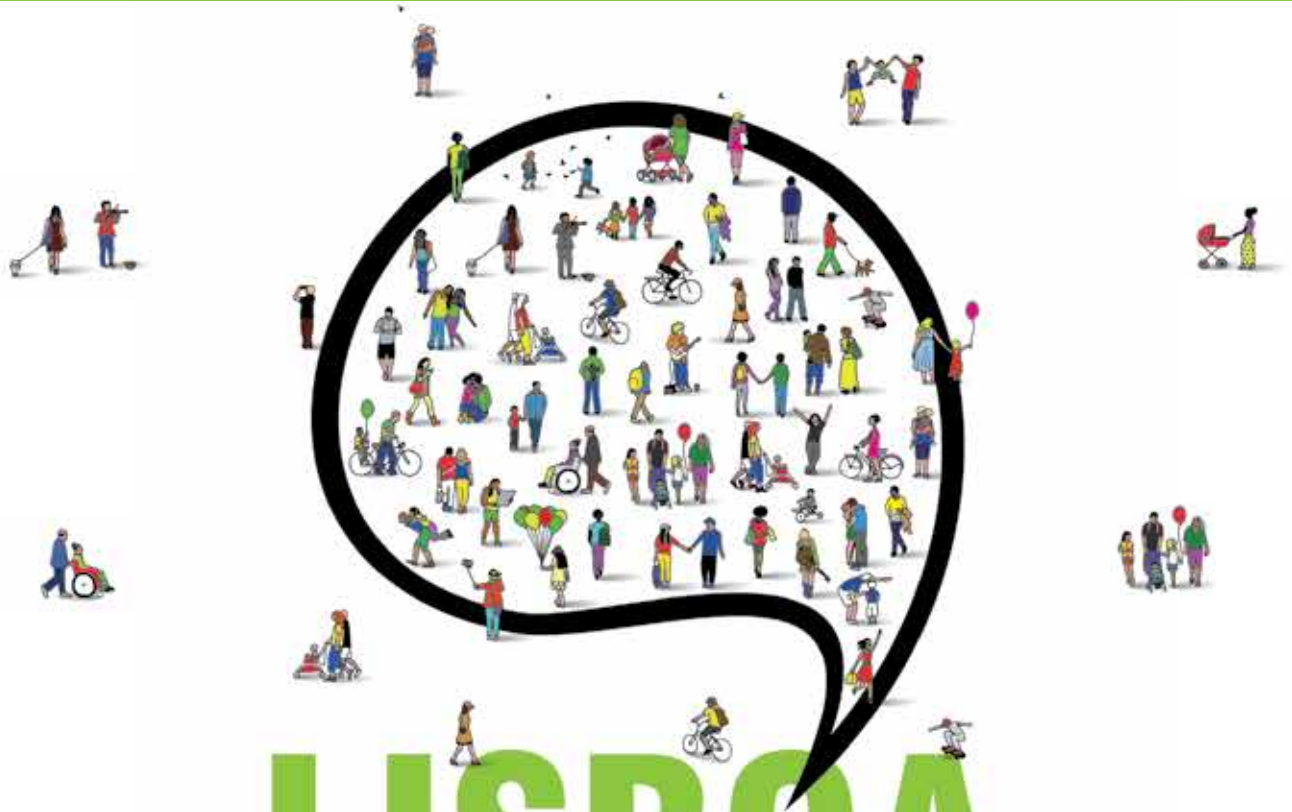


LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL



JUNTOS DECIDIMOS



LISBOA

EU PARTICIPO!

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO DE LISBOA

**APRESENTE AS SUAS PROPOSTAS
ATÉ DIA 14 DE DEZEMBRO**

PARA >16 ANOS

WWW.LISBOAPARTICIPA.PT

WWW.FACEBOOK.COM/LISBOAPARTICIPA

**LISBOA
PARTICIPA**
PORTAL DA PARTICIPAÇÃO





Poupança+ Net

2018-24, 2.ª Série

Quando preparamos o futuro, temos +

É momento de fazer mais pelo seu futuro. De preparar um amanhã mais estável. Para apoiar esse projeto, desenvolvemos a Poupança+ Net, uma modalidade mutualista a 6 anos que remunera as suas poupanças com uma **TANB média de 1,258%*** e de subscrição *online*, simples e cómoda. Se o tempo recompensa quem faz planos, nós também.

Período de inscrição:

29 outubro a 27 novembro

Subscrição exclusiva em **montepio.org**

Poupança+ Net 2018-24, 2.ª Série é a designação promocional da série mutualista "Associação Mutualista Montepio - Prazo Certo 2018-2024, 11.ª Série."

*Só terão direito a esta taxa os subscritores que mantenham o Vínculo Associativo à data de vencimento da Série e não efetuem qualquer reembolso na Subscrição ao longo do prazo da mesma. Caso contrário, a TANB média para o prazo da Série será de 1,117%.

O acervo de direitos e obrigações decorrentes da condição de Associado do Montepio Geral - Associação Mutualista (MGAM) e os benefícios atribuídos em virtude dessa condição e da condição de Subscritor das séries emitidas ao abrigo da modalidade mutualista "Associação Mutualista Montepio - Prazo Certo" estão descritas nos Estatutos e no Regulamento de Benefícios do MGAM, na Ficha Técnica da Modalidade e na Ficha Técnica da Série subscrita. O MGAM recomenda aos associados subscritores a consulta destes documentos, disponíveis em www.montepio.org.

Montepio Geral - Associação Mutualista . IPSS . DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681 . Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-062 Lisboa



Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos